

Didática em comênio: ensinando tudo a todos para reformar a condição humana

Didactic in comenius: teaching all things to all men to reform the human condition

Adriana Mota de Oliveira Sidou 

Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza, Brasil

Ruth Maria de Paula Gonçalves 

Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza, Brasil

Adéle Cristina Braga Araujo 

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Quixadá, Brasil

Cristiane Maria Abreu Lima 

Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza, Brasil

Érico Ricard Lima Cavalcante Mota 

Universidade Estadual de Goiás-UEG, Goiás, Brasil

Open Access:

ISSN: 0124-2121
E-ISSN: 2665-2420

Editor:

Dhayana Fernández Matos

TIPOLOGÍA DE ARTÍCULO
Copyright ©

By *Educación y Humanismo*

Correspondencia:
adriana.mota@aluno.uece.br

Resumo

Objetivo: Discutir sobre as principais categorias teóricas presentes no pensamento de João Amós Comênio, contextualizando historicamente a contribuição deste autor para o campo da didática moderna. **Método:** Pesquisa teórico-bibliográfica, fundamentada em categorias sistematizadas na obra *Didactica magna*. **Resultados:** O autor, no desenvolvimento de sua obra, pretendia apresentar aos educadores um método universal, seguro, fácil, rápido de ensinar “tudo a todos”, tendo como fundamento a natureza, tornando a educação mais eficaz e atraente, mediante cuidadosa organização, elaborada através de manuais didáticos que uniformizavam os conhecimentos. Nesta busca, realizou-se o desenvolvimento de diversas categorias, entre as quais se destacam as que se reportam à essência humana e à relação entre indivíduo e sociedade; sobre o fim social da educação; o currículo e o método; bem como o papel do professor no processo educativo. **Discussão e Conclusão:** As principais categorias trabalhadas pelo autor se relacionavam com o campo da didática e muitos contribuíram para o desenvolvimento da pedagogia moderna. Ressalta-se, contudo, que o método que pretendia ensinar “tudo a todos” tinha como objetivo ensinar um mínimo ao maior número de educandos. Um método marcado profundamente por ideários tanto renascentistas quanto de tradição religiosa, que interessava sobretudo à burguesia.

Palavras-chave: Educação, Didática, Formação Humana.

Abstract

Goal: To discuss the main theoretical categories into the thought of John Amos Comenius, historically contextualizing the author’s contribution to the field of modern didactics. **Method:** Theoretical-bibliographic research, based on the systematized categories in *The Great Didactic*. **Results:** The author, during his work, intended to present to educators a whole, safe, easy, quick method of teaching “all things to all men” based on nature. Thus, making education more effective and attractive through careful organization, elaborated through didactic manuals that standardized knowledge. Hence, several categories were developed and those that relate to the human essence and the relationship between individual and society stand out; about the social purpose of education; curriculum and method; as well as the role of the teacher in the teaching process. **Discussion and Conclusion:** The main categories developed by the author were related to the field of didactics and greatly contributed to the development of modern pedagogy. It is noteworthy, however, that the method, which intended to teach “all things to all men”, aimed at teaching a minimum of content to a great number of students. A method deeply influenced by ideas from both the Renaissance and the religious tradition, which interested the bourgeoisie above all.

Keywords: Education, Didactic, Human Formation.

Recibido: 08-10-2021
Aceptado: 14-01-2022
En línea desde: 10-03-2022

Introdução

O presente artigo tem por fim discutir algumas das principais categorias teóricas defendidas por Comênio, considerado o mais importante pedagogo do século XVII, fundador da didática e precursor da pedagogia moderna. Em suas obras, ele apresentou elementos da pedagogia que se perpetuaram ao longo dos últimos séculos; três delas influenciaram diretamente a educação: *A porta aberta para as línguas*, *Orbis pictus* e *Didactica magna*.

Adota-se como referência sua principal obra, *Didática magna*, a qual permaneceu ignorada até o século XIX, na qual Comênio lançou uma proposta de renovação da escola e do ensino. Para tanto, inicia-se essa exposição trazendo alguns elementos sobre a vida e a obra do autor, tendo como referência sua obra, as contribuições de Gasparin (1994), entre outros. Em seguida, apresenta-se a contextualização histórica do período e os fatos que marcaram a vida do estudioso, considerado o fundador da pedagogia moderna.

Um dos principais objetivos de Comênio, difundido na *Didactica magna*, era apresentar aos educadores um “método universal”, seguro, fácil e rápido de ensinar “tudo a todos”, um método mais barato, que não exigia professores com tantas qualificações, capaz de atender a um número maior de alunos. Uma educação capaz de ensinar com “economia de tempo e de fadiga”, tendo como fundamento a natureza, tornando a educação mais eficaz e atraente, mediante cuidadosa organização e elaborada através de manuais didáticos que uniformizassem os conhecimentos a serem transmitidos.

Esse modelo de educação também influenciou na expansão da capacidade de oferta de educação institucionalizada, na medida em que o uso da nova didática proposta por ele, e o uso das enciclopédias, permitiu que diminuíssem as exigências relacionadas à qualificação dos mestres, como também ao ensino que passaria de individual para coletivo.

Comênio foi um educador naturalista, como explica Suchodolski (1984):

Embora COMENIUS, herdeiro da audaciosa tradição humanista do Renascimento, diga que o “o homem é tudo porque é capaz de tornar-se tudo” a sua convicção fundamental é que a educação, que faz do homem um homem, é a que, apesar da sua vida de pecado, o reconduz à sua essência mais profunda (p. 33).

Ele concebeu a escola como uma oficina de homens, organizada segundo os parâmetros das artes, lembrando que naquela época estas abrangiam também as manufaturas. Além disso, foi o primeiro educador a defender uma educação “sem gritos e sem pancadas”, em que o aluno deveria aprender se divertindo e jogando, num ambiente alegre e estruturado para tal fim. A educação deveria preparar o homem para ser racional, ou seja, para observar

e dar nome a todas as coisas, devendo perseguir os princípios da instrução, virtude e piedade; e através dessa educação, preparar-se para a terceira morada: o céu.

Comênio comparava a mente humana à terra, a um jardim e a uma tábula rasa, onde tudo poderia ser escrito, assim a importância de se escrever nela a natureza de todas as coisas, tendo como fim último a beatitude com Deus. Segundo o autor, o homem aprenderia a “ser homem” e agir como este, imitando, aprendendo com outros da mesma espécie, pois “a cultura é necessária a todos” (Comênio, 2001, p. 67).

O fundamento de todas as coisas deve ser procurado na natureza, pois esta nos fornece o modelo do que devemos fazer, como por exemplo, se o homem quer aprender a nadar, deve observar o peixe e imitá-lo, através de instrumentos semelhantes, “ou seja, em vez das barbatanas deve estender os braços, e em vez da cauda os pés, e movê-los do mesmo modo que o peixe move as suas barbatanas” (Comênio, 2001, p. 114).

Com o objetivo de situarmos os pressupostos teóricos sistematizados pelo autor, faz-se necessário apresentar um método, ou seja, um modo de organização teórica e científica que nos permita desenvolver a presente sistematização no que concerne às seguintes categorias: a essência humana e a relação indivíduo/sociedade, o fim social da educação, o currículo e o método, o papel do professor no processo educativo.

Comênio entrega uma sistematização sobre a didática moderna, permeada por muitos contrastes que abarcam questões sociais e educacionais que discutimos até os dias atuais. Calvino, no livro *Por que ler os clássicos*, lança mão de várias definições do que seria uma obra literária clássica. Uma delas traduz o que entendemos sobre a obra *Didática magna*, vejamos: “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós, trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram” (Calvino, 2007, p. 11). Isso, segundo Calvino, valerá tanto para a obra antiga, quanto para a obra moderna, uma vez que a obra leva consigo um seguimento cultural. Ressaltamos a importância de Comênio no campo educacional de sua época, os avanços proporcionados por sua obra, bem como sua proposta educacional, que visava atender demandas oriundas do período histórico, marcado pela transição da Idade Média para a Idade Moderna. No entanto, levantamos alguns questionamentos acerca dessa prerrogativa de “ensinar tudo a todos”, no contexto do capitalismo contemporâneo sobretudo à classe trabalhadora.

Contextualizando vida e obra de João Amós Comênio

Jan Amos Komenský é reconhecido no Brasil como Comênio ou Comenius, em latim. Esse educador nasceu em 1592, na região da Morávia, na região central da Europa. Estudou na escola *Unitas Fratrum*, recebendo uma educação intensamente influenciada pelo protestantismo. Participou ativamente do grupo religioso dos Irmãos Morávios, que se destacava “pela elevada quantidade de publicações, de modo especial pela tradução das

Sagradas Escrituras, e pelo grande número de escolas que possuíam” (Silva e Gasparin, 2020, p. 62).

Seguindo a tradição de seu grupo religioso, Comênio lecionou, como também escreveu diversas obras, que transitam entre temas religiosos e educacionais, incluindo, inclusive, a elaboração do mapa da Morávia. A vida e a obra deste estudioso foram marcadas profundamente por guerras e conflitos históricos, os quais, conseqüentemente, também marcaram a história da humanidade. Entre tais fatos, podemos citar: o Renascimento, a Reforma Protestante e a Guerra dos Trinta Anos.

O Renascimento foi um elo importante para a transição da Idade Média para a Moderna. Na Idade Média, tanto os aspectos como os fatos da vida e da história eram compreendidos de acordo com os ideais religiosos. Para a sociedade daquela época, a vida terrena e os acontecimentos históricos se explicavam pela vontade de Deus, considerado um ser superior. Toda a ciência, a literatura e a arte dependiam do pensamento religioso. Nesse sentido, apesar de não romper com a tradição religiosa, Comênio absorveu algumas das características típicas do Renascimento. Segundo Suchodolski (1984):

COMENIUS continuou a tradição do Renascimento de tornar mais fácil e agradável o ensino escolar; em conexão com a filosofia empírica da época, empreendeu um trabalho imenso de transformação fundamental dos programas e dos métodos de ensino. Aproxima-se da criança de modo incomparavelmente mais marcado do que qualquer dos seus predecessores ou contemporâneos (p. 31).

O movimento renascentista cumpriu um importante papel na transição do feudalismo para o capitalismo, uma vez que vários paradigmas, verdades absolutas e ideias foram superados, ou até mesmo quebrados, em vários ramos, desde a ciência até a arte. Isso se deu porque as características do sistema feudal não condiziam com os novos valores que estavam sendo empregados pela renascença. Nas palavras de Gasparin (1994), o período apresentava esse contexto de mudança:

Pode-se apontar, como tendência dominante, a ruptura, a mudança, a transição do modo de produção feudal ao incipiente capitalismo, com todas as transformações que isto implica nas mentalidades, nas crenças, nos valores, nas formas de vida, das pessoas e das sociedades (p. 32).

O movimento que se desenvolvia foi financiado pela classe que nascia nos burgos, denominada “burguesia”, uma nova classe social que não queria apenas emergir socialmente, mas também economicamente e politicamente. Embora buscasse enriquecimento e prestígio, era menosprezada pelos nobres e caluniada pela Igreja Católica – que condenava o lucro.

Todavia, não foi só o Renascimento que exerceu uma função significativa no fortalecimento da burguesia enquanto classe social, a Reforma Protestante também foi fundamental – movimento cristão iniciado no século XVI por Martinho Lutero, através da publicação de suas 95 teses. Essas teses condenavam a avareza e o paganismo da Igreja e

pediam um debate teológico sobre o que as indulgências significavam. No plano econômico, a igreja proibia a usura (juros altos) e pregava a venda das mercadorias por um preço justo. Essa teoria era incompatível com o enriquecimento e a ascensão da burguesia comercial e os negociantes queriam liberdade de preços.

A referida reforma foi resultado de mudanças econômicas, sociais e políticas vividas pela Europa na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Com efeito, de acordo com [Gasparin \(1994\)](#):

O momento que estamos descrevendo e no qual se situa Comênio não é nem a Idade Média, nem a Idade Moderna, mas pertence a ambas, daí trazer feições de uma e de outra. É a transição, na qual o novo se constrói recorrendo com frequência ao antigo a fim de incorporá-lo e superá-lo, sendo difícil distinguir com clareza um do outro (p. 32).

Da reforma emergiu o protestantismo. Ao contrário dos ensinamentos da Igreja Católica, a religião protestante estimulava a acumulação de capital pelo indivíduo, por meio do empréstimo de dinheiro a juros e de atividades lucrativas. Nesse sentido, o protestantismo foi a religião escolhida pela burguesia. Esses dois movimentos marcam profundamente a obra de Comênio, principalmente no que diz respeito à defesa da ciência pelos renascentistas e a publicação da Bíblia em língua materna.

De acordo com [Ahlert \(2002\)](#), situações conflitantes lançaram as bases do movimento da reforma. Tomamos como exemplo o Movimento Hussista, cujo precursor foi João Huss, que apresentou como objetivo restaurar a verdade e a justiça, flagrantemente sequestradas pela Igreja Católica da época. Tal movimento "atacou a corrupção da igreja, fundamentado em escritos bíblicos, os quais havia traduzido para a língua tcheca e seus dialetos" ([Ahlert, 2002, p. 45](#)). Em resposta, a igreja levou Huss à fogueira, acusado de heresia. Nesse contexto, há um crescente nacionalismo religioso, o que desemboca em diferentes comunidades confessionais, sendo uma das principais: a Comunidade dos Irmãos Morávios da qual Comênio fazia parte.

De acordo com [Manacorda \(2010, p. 269\)](#), Comênio foi um dos exilados e perseguidos durante o "atormentado período da Guerra dos Trinta Anos (1618-48), que dilacera política e religiosamente o Império." Durante as catástrofes provocadas por essa guerra, "Comênio perdeu igreja, pátria, família e todos os imensos trabalhos teológicos, linguísticos e enciclopédicos aos quais se dedicaria com ardor" ([Berthoud, 2017, p. 20-21](#)). Como desdobramentos desse período, "começa a vagar de um domínio senhorial a outro, redigindo suas obras de consolo utilizadas por seus correligionários e pregando uma atitude de retorno voluntário á vida interior" ([Piaget, 2010, p. 32](#)). Nesse mesmo contexto, ele iniciou suas primeiras reflexões sobre a educação, que segundo [Piaget \(2010\)](#), foram intensamente baseadas em Bacon e Campanella, como afirma Manacorda:

Campanella e Bacon (como também Giordano Bruno) serão o quadro de referência constante para os pedagogos inovadores do seiscentos, o século das utopias especificamente pedagógicas. São dois pensadores muito distantes um do outro: o primeiro misticamente absorvido em sonhos nebulosos, embora católico e inimigo acirrado dos reformadores, pode ser chamado um "sectário" (isto é, pertencente a uma seita de minoria religiosa); o segundo, realisticamente vigilante e ancorado à realidade do mundo (Manacorda, 2010, p. 268).

Para Piaget (2010), as reflexões pedagógicas tomadas por Comênio estavam atreladas aos problemas da época, tendo na reconciliação das igrejas seu primeiro objetivo. Apesar de fracassadas, essas tentativas serviram para aumentar seu interesse em projetos que almejavam a reforma da sociedade humana, como também do aprendizado.

A pedagogia disposta pelo didata checo absorveu elementos do protestantismo que, não por acaso, iam ao encontro dos interesses da eminente classe burguesa que se afirmava. Como exemplo destacamos a economia de tempo, que até então não tinha nenhum valor. "Mas, agora, as coisas tinham mudado: uma das primeiras medidas do protestantismo-religião burguesa por excelência – foi abolir a infinidade de festividades com que o catolicismo medieval se comprazia" (Ponce, 2010, p. 127). Assim como economia de tempo, era necessário ensinar com solidez, a partir dos elementos reais da natureza, dos ofícios, um ensino prático.

Para Manacorda (2010, p. 270), coube a Comênio, no plano da prática didática, "a pesquisa e a valorização de todas as metodologias que hoje chamaríamos de ativas e que desde o humanismo começaram a ser experimentadas" *Orbis pictus* (O mundo ilustrado) é um exemplo, uma espécie de "manual concebido como um atlas científico ilustrado, a fim de que junto com as palavras chegassem às crianças, senão as coisas, pelo menos as imagens das coisas". Outra obra de Comênio, a qual carrega o mesmo sentido, é *Janua linguarum reserata* (A porta aberta das línguas) que, conforme Luzuriaga (1998, p. 142), "apresentam-se 8.000 objetos com outras tantas palavras latinas, e com elas se formam 1.000 orações ou frases, constituindo verdadeira enciclopédia dos conhecimentos humanos"

Diante de todo esse contexto sócio-político-econômico que se encontra o pensamento de Comênio e suas obras. Como pedagogo, encontra-se situado historicamente na pedagogia moderna, caracterizada sobretudo pelo realismo.

A pedagogia realista insurge-se contra o *formalismo humanista*, pregando a superioridade do domínio do mundo exterior sobre o domínio do mundo interior, a supremacia das coisas sobre as palavras. Desenvolveu a paixão pela razão (Descartes) e o estudo da natureza (Bacon). De humanista, a educação torna-se científica. O conhecimento só possuía valor quando preparava para a vida e para a ação (Gadotti, 2010, p. 78).

Método

A presente investigação segue o percurso metodológico de compreensão da realidade, disposto por Marx e recuperado por Lukács da obra marxiana. Não se trata, pois, de um conjunto de regras e métodos, mas de buscar a ideia nas próprias coisas, nos indivíduos concretos, na forma como eles transformam a natureza com intuito de adquirir os bens necessários à manutenção de sua existência, ou seja, é um conhecimento ontológico da realidade, que tem o trabalho como ato fundante do ser social. Trata-se, portanto, de uma pesquisa teórico-bibliográfica que se fundamenta no legado marxiano-lukacsiano da ontologia do ser social, o qual entende que o conhecimento “é sempre produzido em uma determinada situação histórico-social, em resposta a determinadas questões enfrentadas pela humanidade” (Tonet, 2013, p. 103).

O trabalho por sua vez, é uma categoria de fundamental importância no processo de compreensão do real, pois ao transformar a natureza para adquirir os bens necessários a sua existência, homens e mulheres também se constituem como seres sociais. Diferentemente dos seres biológicos e inorgânicos, o ser social transforma conscientemente a natureza em um processo ininterrupto de construção da generalidade humana. Os outros complexos sociais, como a educação, a política, o direito, a economia, entre outros, advêm de necessidades postas pelo trabalho, mas que não se restringem a ele, existindo entre os complexos fundados e o complexo fundante, determinado grau de dependência ontológica e autonomia relativa.

A ontologia marxiana, assim, tem no trabalho o alicerce teórico de sua investigação, sobre o qual o gênero humano constrói a realidade social, não que esta se realize de forma mecânica, mas de uma relação de base ontológica.

O homem, ao transformar a natureza para satisfazer suas necessidades, produz necessariamente conhecimento, ou seja, compreende progressivamente a realidade na qual está inserido. Tal conhecimento tem como características básicas ser produto da atividade humana, ser socialmente condicionado e historicamente construído (Costa, 2001, p. 13).

Para Lukács (2018a) a historicidade, no sentido de Marx, é

[...] um princípio universal convocado a apreender, não apenas todo tratamento científico do ser, naturalmente antes de tudo do ser social, mas, ainda e antes de tudo, a correspondentemente influenciar, a dirigir, as atividades dos seres humanos. Ela se baseia na visão de que, por um lado, tudo — mesmo o «coisal»-material dado — é, em seu verdadeiro ser, um processo irreversível de complexos, por outro lado, que tais processos jamais podem possuir um ser isolado, «precisamente» separado de outros processos, que entre eles vigoram interações intensivas ou extensivas, fortes ou fracas, portanto a autêntica qualidade do seu ser apenas em conexão com

o processo como um todo, em que eles ontologicamente se sintetizam, apenas na sociedade enquanto totalidade processual, podem vir a ser compreendidos de modo adequado (p. 240).

Nesse sentido, a categoria da historicidade vincula-se à totalidade social, afinal o próprio Lukács (2018a) admite não ser possível a compreensão de um processo isolado, advogando que, para Marx, a totalidade é

[...] sempre uma totalidade de totalidades, por isso é que todo fixar-se em uma tal totalidade -gnosiológicamente muitas vezes inevitável -tem de também permanecer algo meramente relativo, na medida em que, frequentemente, renuncia-se conscientemente à investigação de totalidades mais amplas a partir de fundamentos gnosiológicos bem fundamentados. Desse modo, p.ex., o desenvolvimento do ser social impõe, pela sua dinâmica própria, que apenas pode ser compreendido como movimento para a autêntica totalidade da humanidade. A conexão cósmica, o efeito do nosso destino planetário sobre o do gênero humano, permanece atada e operante ontologicamente (o mesmo como o do Sistema Solar sobre nosso planeta, etc.); mas, devido ao imenso intervalo de tempo para alcançarem real operatividade, podem, sem prejuízo, ser concretamente ignorados no tratamento teórico do gênero humano (p. 241).

A investigação procurou seguir o princípio da totalidade. Esta não se deu de modo isolado, mas através de um processo no qual se procurou ao mesmo tempo, identificar: a totalidade de determinado objeto, como também, as partes que o compõem, a hierarquia entre determinado objeto e suas partes, "hierarquia e a ordem entre os diversos momentos, o modo como se relacionam entre si o todo e as partes, sob a regência do primeiro, as relações das diversas partes entre si e a passagem de um momento a outro" (Tonet, 2013, p. 117).

Seguindo os pressupostos histórico-ontológicos, explicitamos que o método é inseparável do movimento do real e de sua legalidade. "Não há uma normatividade metodológica antecipadamente posta, parte-se da empiria desordenada, realizam-se abstrações e, destas abstrações, se volta a empiricidade, que não é mais um todo caótico, mas o concreto pensado" (Jimenez *et al.*, 2011, p. 156).

Nesse movimento ontológico de compreensão do real, procuramos realizar uma pesquisa bibliográfica, sob o alicerce da ontologia marxiana, que cerceou o objeto em tela, procurando entendê-lo como um momento da totalidade social e, portanto, da investigação do postulado teórico do autor, vinculado ao momento político e econômico do período, que ao mesmo tempo é individual e genérico. Trata-se de uma pesquisa que procurou – através da bibliografia deixada por Comênio e por outros que o investigaram – compreender seu legado histórico, principalmente no que tange a sua obra *Didactica magna*.

Resultados

Didactica magna é considerado o principal livro de Comênio, um clássico entre estudiosos e intelectuais da área da educação, um tratado da arte de ensinar tudo a todos ou:

Processo seguro e excelente de instituir, em todas as comunidades de qualquer Reino cristão, cidades e aldeias, escolas tais que toda juventude de um e de outro sexo, sem excetuar ninguém em siveiarte alguma, possa ser formada nos estudos, educada nos bons costumes, impregnada de piedade e, desta maneira, possa ser, nos anos da puberdade, instruída em tudo o que diz respeito à vida presente e à futura, com economia de tempo e de fadiga, com agrado e com solidez (Comênio, 2001, p. 11).

O autor defendia sua pedagogia com a máxima: “ensinar tudo a todos”, objetivando a aproximação do homem a Deus, e tendo como objetivo central de tornar os homens bons cristãos, sábios no pensamento, dotados de fé e capazes de praticar ações virtuosas. Tal formação devia ser extensiva a todos: ricos, pobres, homens e mulheres. Para Comênio, a essência humana é religiosa. Com efeito, a *Didactica magna* é um livro essencialmente espiritual e religioso, repleto de citações da Escritura Sagrada.

Os primeiros capítulos da obra defendem o pressuposto teleológico, que percorre o restante do livro, de que: o homem é a imagem e semelhança de Deus. O autor cita uma passagem da Bíblia para outorgar o que defende: “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gêneses, 1:26-27).

Esse pensamento está impregnado em diversas passagens da obra nas quais Comênio (2001) defende seu raciocínio, tais como: “O homem é a mais alta, a mais absoluta e a mais excelente das criaturas” (p. 81); “Deves, portanto, compreender que és o protótipo, o admirável compêndio das obras, o representante de Deus no meio delas, a coroa de sua glória” (p. 82); “É evidente, portanto, que o fim último do homem é a beatitude eterna com Deus” (p. 95).

Além de não deixar perder a tradição religiosa tão presente no feudalismo, Comênio foi um grande expoente do que ficou conhecido como Renascimento, tendo convivido com essa dualidade (ciência *versus* religião) por muito tempo; contudo, na sua *Didactica magna*, a religião prevalece. Para Suchodolski (1984):

Embora Comênio, herdeiro da audaciosa tradição humanista do Renascimento, diga que “o homem é tudo, porque é capaz de tornar-se tudo”, a sua convicção fundamental é que a educação, que faz do homem um homem, é a que, apesar da sua vida de pecado, o reconduz à sua essência mais profunda (p. 33).

Comênio (2001) defende que toda a juventude, de ambos os sexos, deve ser enviada às escolas e que elas sejam abertas em todas as vilas, cidades, lugarejos e outros. Para o autor

“devem ser enviados às escolas não apenas os filhos dos ricos ou dos cidadãos principais, mas todos por igual, nobres e plebeus, ricos e pobres, rapazes e raparigas” (p. 139).

Em relação à educação da mulher, Comênio (2001) sustentava que esta é igualmente imagem de Deus e participante da graça e do reino dos céus, também dotada de uma mente ágil e capaz de aprender a sabedoria. Todavia, o mesmo autor ainda assinala que

é nossa opinião que as mulheres sejam instruídas, não para a curiosidade, mas para a honestidade e para a beatitude. Sobretudo naquelas coisas que a elas importa saber e que podem contribuir quer para administrar dignamente a vida familiar, quer para promover a sua própria salvação, a do marido, dos filhos e de toda a família (Comênio, 2001, p. 143).

Comênio não rompe com o meio social no qual estava inserido, nem com os valores e a moral (da burguesia) que estavam sendo implantados pelo novo modo de produção, principalmente em relação à mulher e ao seu papel social. No processo de transição para o capitalismo, a sociedade ainda se manteve nos moldes do patriarcado, calcada na propriedade privada; a mulher continuava sendo vista como reprodutora biológica, restrita ao lar, esposa e mãe. O que se modificou é que, com base nesses preceitos, ela receberia educação para continuar exercendo seu papel de dona do lar.

De acordo com Ponce (2010), a necessidade de uma “nova educação”, enunciada por Comênio, ressoava com vários princípios que interessavam a burguesia, como a economia de tempo no terreno educativo. A classe burguesa, no entanto, tinha um objetivo claro: edificar uma instituição que propagasse sua ideologia de classe com vistas a se tornar dominante. A obra de Comênio foi muito bem aceita por essa nova classe social. Para Ponce (2010):

João Amós Comênio (1592-1671) chamou a si a tarefa de apresentar no terreno educativo o quarto grande livro que faltava: vinte anos depois do *Discurso do método*, surgiu a *Didactica magna* (1657). Não importa que, no capítulo três, Comênio afirme que a vida terrena é apenas uma preparação para a eterna, porque o título do capítulo dezenove caracteriza a sua obra como um livro do seu século: Bases para rapidez, com economia de tempo e de fadiga (p. 127).

De acordo com Ponce (2010, p. 126), a “Ciência e a Filosofia refletiam as profundas modificações que a economia ia introduzindo na estrutura social”, não demorando muito para a burguesia se apropriar desses dois campos de estudos, com o intuito de se fortalecer. Para o mesmo autor, quatro grandes livros foram fundamentais no sentido de colocar a burguesia como hegemônica no campo da educação e da filosofia, a saber: *O novum organum*, de Bacon (1620); o *Discurso do método*, de Descartes (1637); *Fragmento de um tratado sobre o vazio*, de Pascal (1651); e *Didactica magna*, de Comênio (1657) ”.

Para Comênio, o homem tem três espécies de moradas: o útero materno, onde recebemos apenas a vida, juntamente com um movimento e sentidos incipientes; na

segunda morada seria a terra, onde acolhemos o movimento e os sentidos com os primórdios da inteligência; e o céu seria a terceira, na qual abrigamos a plenitude perfeita de todas as coisas. A primeira e a segunda morada, segundo o autor, são como oficinas, pois na primeira forma-se o corpo para a vida seguinte e na segunda forma-se a alma para a vida eterna. Por último, a terceira morada, que produz a perfeição e o prazer de ambos.

Sobre a finalidade do complexo da educação, [Comênio \(2001\)](#) assevera que:

Também o mundo visível, de qualquer parte que se olhe, atesta que não foi criado para outro fim senão para servir para a multiplicação, para a alimentação e para a educação do gênero humano [...] este mundo nada mais é que a nossa sementeira, o nosso alimentador e a nossa escola [...], onde, uma vez saídos das aulas desta escola, nos matricularemos na Academia Eterna (pp. 90-91).

Portanto, o mundo objetivo é uma preparação para outro plano, transcendente e subjetivo. Para tanto, o autor fundamenta-se nas escrituras sagradas:

[...] até os nomes que as Sagradas Escrituras dão a esta vida dão a entender que esta não é senão uma preparação para outra. Com efeito, dão-lhe o nome de via, viagem, porta, espera; e a nós, o nome de peregrinos, forasteiros, inquilinos, aspirantes a uma outra cidadania, a qual será verdadeiramente permanente (Gênesis, 47:9; Salmo 29:13; Job, 7:12; Lucas, 12:36); ([Comênio, 2001, p. 92](#)).

[Comênio \(2001\)](#) afirma que o homem é um animal educável:

[...] a natureza dá as sementes do saber, da honestidade e da religião, mas não dá propriamente o saber, a virtude e a religião; estas adquirem-se orando, aprendendo e agindo. Por isso, e não sem razão, alguém definiu o homem um "animal educável", pois não pode tornar-se homem a não ser que se eduque (p. 119).

Assevera, ainda, que de nada adianta ter a base inorgânica e orgânica sem a intervenção do ser social: "Por exemplo, as pedras foram-nos dadas para construir casas, torres, muros, colunas, etc.; mas, de facto, não servem para isso, a não ser depois de talhadas, desbastadas e esquadrihadas pela nossa mão" ([Comênio, 2001, p. 120](#)). Ressaltamos, nessa passagem, que o autor faz uma importante intervenção relacionada às bases ontológicas do ser social, e a necessária intervenção do homem pelo trabalho, naquilo que se constitui em essência do gênero humano.

Do mero ser-em-si da pedra ou da madeira não pode, de modo algum, ser »deduzido«, através da prossecução imanente de suas propriedades, as legalidades e as forças que operam na casa. Para isso é necessário o poder do pensamento e da vontade humanos que ordene fático-materialmente estas propriedades em uma conexão por princípio inteiramente nova ([Lukács, 2018b, p. 18](#)).

No entanto, esse processo ontológico, o qual nos reportamos acima, não é mantido, por exemplo, ao tratar acerca do complexo educacional. Para Comênio (2001), a educação é que molda o processo, tendo um papel principal na constituição do homem. Destacamos, contudo, ancorados sobre as bases histórica-ontológica do ser social, desenvolvidas por Lukács (2018b), que é o trabalho e não a educação que se constitui em base ontológica para todo o processo social. Dessa maneira, para Comênio (2001):

[...] o homem é um animal cheio de mansidão e de essência divina, se é tornado manso por meio de uma verdadeira educação; se, pelo contrário, não recebe nenhuma ou a recebe falsa, torna-se o mais feroz de todos os animais que a terra produz (p. 123).

Sobre a divisão de classes, Comênio (2001) faz uma analogia para tratar da ausência de educação/cultura, afirmando que os ricos (reis, príncipes, magistrados, párocos, doutores da igreja), quando não têm educação são como “porcos engordados com farelos” (p. 124). Os pobres (súditos), na ausência desta, são como “burros condenados a transportar a carga” (p. 125). E conclui, reconhecendo que os ricos devem embeber-se de sabedoria e os pobres devem ser esclarecidos, para que saibam obedecer àqueles que governam sabiamente: não coagidamente, mas voluntariamente, por amor à ordem. O que demonstra, mais uma vez, o quão sua didática se assimila e interessa à classe burguesa que outrora nascia.

Com efeito, para Comênio (2001), a finalidade da escola corresponde a:

[...] uma verdadeira oficina de homens, isto é, onde as mentes dos alunos sejam mergulhadas no fulgor da sabedoria, para que penetrem prontamente em todas as coisas manifestas e ocultas, as almas e as inclinações da alma sejam dirigidas para a harmonia universal das virtudes, e os corações sejam trespasados e inebriados de amores divinos, de tal maneira que, já na terra, se habituem a viver uma vida celeste todos aqueles que, para se embeberem de verdadeira sabedoria, são enviados às escolas cristãs. Numa palavra: onde absolutamente tudo seja ensinado absolutamente a todos (p. 155).

O currículo, na obra de Comênio, atenta à essência cristã em busca do que considera ser a perfeição humana – traço que marca toda a sua obra e todo seu discurso. Em relação ao conceito de currículo, o pedagogo afirma: “deve-se ensinar os fundamentos, as razões e os objetivos de todas as coisas principais, das que existem na natureza como das que se fabricam” (Comênio, 2001, p. 135). Ou seja, sua preocupação consiste em promover uma formação geral que ele definiu como “ensinar tudo a todos”. E o que representaria “ensinar tudo a todos” na obra *Didactica magna*? Encontramos algumas passagens que poderiam nos ajudar a elucidar o que representaria essa máxima: “CULTURA DO HOMEM TODO’ – Se cultivem as inteligências com as ciências e com as artes; II. Se aperfeiçoem as línguas; III. Se formem os costumes para toda a espécie de honestidade; IV. Se preste sinceramente culto a Deus” (Comênio, 2001, pp. 84-85).

Ao buscar uma categorização pormenorizada dessas pistas que o autor apresenta como diretrizes para definição do currículo, associamos aos apontamentos que descreve acerca do que deva ser ensinado nas escolas em relação às coisas, aos homens e a Cristo: o fundamento, a razão e os objetivos principais concernentes ao existente tanto do reino natural, como daquele que recebera a ação humana. Um conhecimento básico sobre as ciências, as línguas e a arte; incluindo ainda o desenvolvimento de todas as “virtudes cardiais”, que segundo o autor *theco* seriam: prudência, justiça, fortaleza e temperança.

O método na *Didactica magna* se propõe a ser um modelo universal de ensinar para se atingir o conhecimento, de forma rápida, econômica e sem fadiga. Nessa direção, os processos propostos deveriam passar necessariamente por três etapas: compreensão, retenção e práticas, as quais consistiam na base de seu método didático e, por eles se chegaria a três qualidades: erudição, virtude e religião. [Ponce \(2010, p. 127\)](#) destaca que “o título do capítulo XIX caracterizaria a sua obra como um livro do seu século: ‘Bases para Rapidez do Ensino, como Economia de Tempo e de Fadiga’”, isto porque, representaria exatamente os pressupostos burgueses que naquele momento histórico tentava-se implementar, ou seja, as bases burguesas de produção e reprodução social, pautadas no tempo socialmente necessário à produção e acumulação de riqueza pelos capitalistas.

O autor apresenta, ainda, alguns fundamentos norteadores do seu método, quais sejam: o fim é o mesmo, a sabedoria, a moral e a perfeição; todos são dotados da mesma natureza humana, apesar de terem inteligências diversas; a diversidade das inteligências é tão somente um excesso ou deficiência da harmonia natural; o melhor momento para remediar excessos e deficiências acontece quando as inteligências são novas.

E, por último, [Comênio \(2001\)](#) apresenta os seguintes preceitos do seu método: tudo o que se precisa saber deve ser ensinado; qualquer coisa que se ensine deverá ser ensinada em sua aplicação prática, uso definido; deve-se ensinar de maneira direta e clara; ensinar a verdadeira natureza das coisas, partindo de suas causas; explicar primeiro os princípios gerais e ensinar as coisas em seu devido tempo.

De acordo com os preceitos de Comênio, a tarefa de ensinar caberia aos pais, em primeiro lugar, uma vez que eles raramente ensinavam a virtude a seus filhos. Quanto aos mestres, ele os criticava, afirmando que poucos sabiam estimular nas jovens coisas boas, e que ignoravam completamente a arte de ensinar. Eis o que expõe [Comênio \(2001\)](#) sobre o professor:

[...] o professor toma o aluno tal qual o encontra, e começa logo a torneá-lo, a batê-lo, a cardá-lo, a tecê-lo, a modelá-lo a seu modo, pretendendo que ele se torne imediatamente uma beleza, uma joia; e, se o não consegue logo (e como seria possível consegui-lo?), enche-se de ira, indigna-se, enfurece-se. E havemos de admirar-nos que haja quem critique e fuja de semelhante método de educação? Devemos antes admirar-nos que haja ainda quem se entregue a tais educadores (p. 103).

Comênio (2001) defende em sua didática um método de ensino sob o qual o professor pudesse facilmente ensinar “com tal certeza, que seria impossível não conseguir bons resultados” (p. 10). Ao professor caberia a tarefa de transmitir a seus alunos os fundamentos de todas as coisas, através de exemplos e repetições, uma educação pautada no princípio de amor à ordem, que, por sua vez, estaria representada na natureza das coisas. Como exemplo dessa prática, citamos as palavras do autor:

[...] depois de brevemente apresentada a matéria a aprender, e de explicado claramente o sentido das palavras, e de mostrada abertamente a aplicação da matéria a aprender, mande-se levantar qualquer dos alunos, o qual (como se fosse já o professor dos outros) repita, pela mesma ordem tudo o que foi dito pelo professor: explique as regras com as mesmas palavras; mostre a sua aplicação por meio dos mesmos exemplos. Se acaso errar, o professor deve corrigi-lo (Comênio, 2001, p. 178).

Nessa passagem, ele viria a explicitar procedimentos de sua didática, centrada na transmissão do conhecimento do professor para o aluno. Em outros momentos do texto, esclarece melhor a forma como aplicá-las: o aluno deve aprender a fazer fazendo; os trabalhos precisam ser realizados com base em determinada forma e norma; o uso dos instrumentos deve ser demonstrado mais com a prática do que com as palavras, ou seja, mais com exemplos do que com regras; o exercício deve ser do mais simples ao mais complexo; e o erro deve ser corrigido desde que acrescente observações, a que chamamos regras e exceções às regras.

A relação entre professor e aluno é outro aspecto do complexo educativo priorizado pelo autor. Essa relação estaria demarcada por atitudes e palavras paternais, como também da maneira afável e carinhosa demonstrada pelos educadores a seus alunos, com intuito de atrair a atenção deles e mostrar-lhes a importância do tema a ser estudado, seu encanto e sua facilidade.

Comênio foi o primeiro educador a compreender a importância dos aspectos visuais para o processo ensino-aprendizagem, tanto no que se refere à ilustração do conteúdo, quanto ao aspecto visual da escola, que deveria, de acordo com ele, apresentar-se como local agradável, de aspecto atraente, em ambiente limpo, ornado com figuras, com espaço para passeios e jogos. Quanto aos conteúdos, defendia que as ilustrações poderiam despertar nos educandos admiração e interesse, por isso escreveu e publicou a gramática ilustrada *Orbis pictures*.

Segundo Alves (2006), Comênio tentou, através de sua obra, “simplificar e objetivar o trabalho didático, de tal forma que qualquer homem mediano pudesse ensinar” (p. 15), pois até então, o mestre deveria ser uma figura de muito conhecimento, erudito e de bons costumes. No entanto, segundo o mesmo autor:

[...] este tipo de exigência havia sido superado pelo tempo e representava, de fato, um impedimento à expansão da educação. A exigência imperativa de universalização do ensino era tolhida pelo caro serviço do preceptor, em correspondência com a complexidade da tarefa que exercia. Portanto, quando a escola se propôs atender a todos, precisou desvencilhar-se do professor sábio. Daí o intróito de *Didáctica Magna* afirmar, textualmente, a necessidade de “investir e descobrir o método segundo o qual os professores ensinem menos” (pp. 18-19).

Percebemos que as transformações ocorridas no mundo do trabalho agora estavam sendo propostas para o meio educacional e, nesse sentido, Comênio apresentava em sua obra um método de como viabilizar tais mudanças. O professor, por exemplo, deixava de ser um mestre preceptor, que ensinava desde a alfabetização até a transmissão de noções científicas e humanísticas mais elaboradas, por um professor que se especializava apenas em algumas operações, tal como no processo fabril.

Discussão e Conclusão

Comênio, importante pedagogo do pensamento moderno, situa-se na chamada pedagogia da essência (Suchodolski, 1984), centrada em uma análise mais psicológica da humanidade. Sua notoriedade fora reconhecida inclusive por Jean Piaget (2010), que escrevera sobre ele um ensaio, publicado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), com apoio da Organização das Nações Unidas para Educação (UNESCO).

Destacamos, ainda, o fato deste autor, assim como sua obra *Didactica magna* serem considerados um clássico para os estudos de Pedagogia. Duarte (2008) ampara-se em Marx para referir-se a uma obra clássica com as seguintes palavras: “à lei inexorável do devir do tempo, esbanjando invejável permanência no mundo onde tudo se passa. [...] Ela possui vigor de presente, que, para os clássicos explicava-se por ela ser a encarnação de certo modo atemporal” (Duarte, 2008, p. 193).

Comênio lançou as bases para uma pedagogia centrada no indivíduo, e no conhecimento prático. Em suas obras apresentou elementos da pedagogia, que se perpetuaram ao longo dos últimos séculos; três delas influenciaram diretamente a educação: *A porta aberta para as línguas*, *Orbis pictus* e *Didactica magna*, sendo esta última sua principal obra, que permaneceu ignorada até o século XIX. Nela ele lançou uma proposta de renovação da escola e do ensino.

Perseguindo os postulados marxianos e luckasianos, procuramos elencar, ainda que de modo breve, algumas das diversas conexões entre as obras de Comênio com o seu ambiente material de existência, pois “A produção das ideias, das representações, da consciência está em princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, linguagem da vida real” (Marx e Engels, 2009, p. 31).

Ao situar as bases sobre as quais se erigiu o pensamento de nosso estudioso, foi possível compreender os fundamentos de suas ideias, e o papel social que cumpriu diante daquele momento histórico, uma vez que o ser social é um ser que dá respostas ao seu entorno (Lukács, 2018).

Asseveramos que o estudo empreendido por Comênio cumpriu – e ainda cumpre – um importante papel, ao lançar as bases para uma pedagogia centrada no indivíduo e na natureza, um método que se propunha ensinar tudo a todos. Um conhecimento acerca das ciências e das artes, do conhecimento linguístico, e desenvolvimento dos princípios de honestidade e de culto a Deus.

Ao mesmo tempo em que o didata tcheco pregava a máxima de ensinar tudo a todos, contrapunha-se, ao difundir educação diferenciada entre mulheres e homens, ricos e pobres. Ademais, havemos de considerar que essa pedagogia muito interessava à classe burguesa em ascensão, que precisa do conhecimento para interagir como uma classe para si. À classe trabalhadora resta o conhecimento mínimo, aprende fazendo. Trata-se de um conhecimento eminentemente prático, que não contempla o indivíduo em suas potencialidades.

Diante do exposto, levantamos um questionamento acerca desse intento de Comênio de “ensinar tudo a todos”, já que para as mulheres, a educação não deveria ser voltada para curiosidade, mas para a honestidade e para a beatitude. O modelo de educação, por sua vez, simplificava o papel do professor, diminuindo, portanto, a tão necessária formação dos professores cultivada até aquele período. Ou seja, será que “ensinar tudo a todos” não seria ensinar a classe trabalhadora todo o conhecimento básico necessário e, para isso, deveria ser utilizado um método rápido, econômico e sem fadiga, que permitiria massificar o conhecimento escolar mínimo necessário ao desenvolvimento de produção capitalista da época? Não seria esse tipo de modelo instrucional que se persegue hoje, em pleno século XXI, principalmente nos países periféricos? Nesse sentido, questionamos o papel da educação também na contemporaneidade, que outrora refletem a mesma problemática como a do esvaziamento do conteúdo e a secundarização do papel do professor, apresentada há mais de 300 anos. Esse tipo de ensino não estaria a favor da classe a quem interessa a manutenção desse *status quo*? E que movimentos de reforma, como o Movimento de Educação para Todos, não representariam, sobretudo, uma nova roupagem para uma mesma fórmula cujo interesse é ditado pelo capital e seus interesses?

Referências

- Ahlert, A. (2002). O mundo de Comenius: entre conflitos e guerras uma luz para a prática pedagógica. *Revista de Ciências Humanas*, (32), 439-451.
<https://doi.org/10.5007/%25x>

- Alves, G. L. (2006). Uma nova instituição para o nosso tempo. *Educere et Educare*, 1(1), 15-24.
- Berthoud, Jean-Marc. *João Amós Comênio e as origens da ideologia pedagógica: o inspirador das reformas escolares modernas*. (Samara Geske, trad.). Editora Monergismo.
- Calvino, I. (2007). *Por que ler os clássicos*. (Nilson Moulin, trad.). Companhia das Letras.
- Comênio, J. A. (2001). *Didactica magna*. (Joaquim Ferreira Gomes, introdução, tradução e notas). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, F. (2001). O marxismo enquanto referencial teórico para o conhecimento do ser social. Em Jimenez S. & Furtado E. B. *Trabalho e educação: uma intervenção crítica no campo da formação docente* (pp. 13-27). Edições Demócrito Rocha.
- Duarte, P. (2008). O que faz de uma obra um clássico? In *Poiesis*, (11), 191-213.
- Gasparin, J. L. (1994). *Comênio ou da arte de ensinar tudo a todos*. Papyrus.
- Gadotti, M. (2001). *História das Idéias Pedagógicas*. Editora Ática.
- Jimenez, S. V., Costa, F. J. F., Moreira, B. M., Mendes Segundo, M. D., Gonçalves, R. M. P., Jovino, W. K. M. & Braga, S. A. C. (2011). A ontologia marxiana e a pesquisa educacional: pressupostos teóricos e exigências metodológicas. Em S. M. Nóbrega-Therrien, I. M. S. Farias & J. B. C. Nunes. *Pesquisa científica para iniciantes: caminhos no labirinto* (pp. 151-168). EdUECE.
- Lukács, G. (2018a). *Prolegômenos para a ontologia do ser social: obras de Georg Lukács*. (Sérgio Lessa, trad. Mariana Andrade, rev.). Coletivo Veredas.
- Lukács, Georg. (2018b). *Para uma ontologia do ser social*. (Sérgio Lessa, trad. Mariana Andrade, rev.). Maceió: Coletivo Veredas.
- Luzuriaga, L. (1985). *História da educação e da pedagogia*. Ed. Nacional.

- Manacorda, M. A. (2010). *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. (Gaetano Lo Monaco, trad. Paolo Nosella, rev.). Cortez.
- Marx, K. Engels, F. (2009). *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Expressão Popular.
- Piaget, J. (2010). *Jan Amos Comênio*. Editora Massangana.
- Ponce, A. (2010). *Educação e luta de classes* (22ª ed). Cortez.
- Silva, G., Gasparin, J. (2020) *A mediação pedagógica em Vigotski, Herbart, Dewey e Skinner*. Appris.
- Suchodolski, B. (1984). *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*. Livros Horizonte.
- Tonet, Ivo. (2013). *Método científico: uma abordagem ontológica*. Instituto Lukács.